

HOLOGESTOS: PRODUÇÕES LINGUÍSTICAS NUMA PERSPECTIVA MULTIMODAL

M.C. B. Cavalcante¹

Resumo

Este trabalho visa mapear a emergência dos gestos produzidos em situações interativas mãe-bebê, nos primeiros dezoito meses de vida do bebê, o que denominamos de hologestos. Tais gestos articulados com a produção de fala em situações interativas diádicas (holófrases), permitem compreender a emergência da linguagem em aquisição, a partir de um envelope multimodal em que co-atuam quatro planos: olhar, prosódia, gesto, produção verbal. Para isso, trabalhamos com dados videografados de duas díades mãe-bebê, percorrendo os primeiros dezoito meses de vida da criança. Resultados indicam que aliar as holófrases aos primeiros usos gestuais na infância permite observar a emergência de certos gestos tais como emblemas e pantomimas. Estes gestos são coincidentes com as primeiras produções verbais (holofrásticas), e, num momento mais adiante, o surgimento da gesticulação – que por se relacionar ao fluxo da fala - vem aparecer por volta dos 15/18 meses, quando a criança já apresenta maior encadeamento verbal e sua produção de fala envolve blocos prosódicos maiores. Isto permite nos afastarmos de uma concepção de primitivismo gestual e de seu caráter pré-linguístico. Isto é, defendemos a perspectiva de que os gestos não guardam o lugar da fala na aquisição da linguagem, seu estatuto não seria pré-linguístico. Ao invés disso, consideramos o gesto como co-partícipe, já que ele constitui a matriz da linguagem.

Palavras-chave: Gestos; Multimodalidade; Aquisição da linguagem.

Abstract

This paper aims to chart the emergence of gestures produced in mother-child interactive situations in the first

eighteen months of baby's life, what we call hologestos. Such gestures coordinated with speech production in interactive situations dyadic (holófrases), allow to understand the emergence of language acquisition from an envelope in which multimodal co-operate four plans: look, prosody, gesture, verbal output. For this, we work with videotaped data of two mother-infant dyads, covering the first eighteen months of a child's life. Results indicate that combining the first uses gestures to childhood holophrases to observe the emergence of certain symbols such as gestures or mime. These gestures are coincident with the first verbal productions (holofrásticas), and a moment later, the emergence of gestures - which relate to the flow of speech - has come at about 15/18 months when the child already has a higher thread their verbal and speech production involves higher prosodic blocks. This allows us to move away from designing a sign of primitivism and pre-linguistic character. That is, we advocate the view that gestures do not hold the place of speech in language acquisition, their status would not be pre-linguistic. Instead, we consider the gesture as co-participate, since it constitutes the matrix of language.

Keywords: Gesture; Multimodality; Language acquisition.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inseridos na perspectiva adotada desde o Projeto Aquisição da Linguagem e Multimodalidade – PALiM² que pleiteia o funcionamento multimodal da linguagem – olhar, gesto, postura corporal, qualidade de voz, prosódia – nas interações mãe-bebê, a premissa aqui adotada é que gesto e fala formam um conjunto que não pode dissociar-se, numa concepção de língua multimodal (MCNEILL, 1985).

¹ Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, proc. 301845/2006-9. Projeto com financiamento de Auxílio de pesquisa IC 507100/2010-7, UFPB.

² Bolsa de produtividade em pesquisa proc. 301845/2006-9, período 2007-2010; Outros financiamentos: Auxílio Financeiro proc. 401341/2007-0; bolsa IC/CNPQ proc. 504191/2007-1.

A perspectiva de McNeill (1985) propõe que gesto e fala se encontram integrados numa mesma matriz de produção e significação, afirmando que “a ocorrência de gestos ao longo da fala implica que durante o ato de fala dois tipos de pensamento, imagístico e sintático, estão sendo coordenados”. Isto é, são constitutivos de um único sistema linguístico.

Kendon (2000) afirma que a investigação sobre gestos dentro de uma perspectiva linguística pouco se desenvolveu e, com a reorientação da Linguística ocorrida sob a influência de Chomsky, que trouxe os estudos linguísticos para uma espécie de ciência mental, fez com que os aparentes e desaparecidos interesses no estudo da linguagem gestual fossem novamente reunidos enquanto um tópico de inquirição (Kendon, 1982). E, sendo uma real consequência da análise da língua enquanto parte de uma ciência mental, com ênfase nos estudos dos processos cognitivos, hoje são revigorados os estudos dos gestos por parte daqueles que se interessam pelo estudo da língua. Assim, se a língua é posta como uma atividade cognitiva e, se as expressões gestuais estão intimamente envolvidas em atos da expressão linguística falada, então parece razoável observar os gestos mais aproximados do campo das atividades cognitivas. Isto fundamenta uma nova forma de pôr e analisar a questão do relacionamento existente entre os gestos e a língua (Kendon, 2000, p. 49).

Percebe-se que Kendon (2000) situa o estudo dos gestos enquanto atividade cognitiva. Apesar da relevância dos trabalhos pioneiros do autor e do enfoque cognitivista a eles atribuído, nesta pesquisa privilegiaremos uma perspectiva interacionista³; nesta direção há pesquisas como a de Laver (2001).

Laver (2001) ressalta a importância do gesto no processo interativo. De acordo com o autor, ao analisarmos qualquer comportamento comunicativo, é fundamental que compreendamos a relação entre abstrações idealizadas da intenção comunicativa e as variações das realizações físicas detalhadas de cada indivíduo e entre indivíduos. Ou seja, a diferença entre o que foi idealizado para a comunicação e o que realmente acontece. Destaca ainda que, embora haja

gestos comuns a uma comunidade falante, tais gestos variam de pessoa para pessoa e há, ainda, fatores intrapessoais que afetam cada indivíduo e precisam ser considerados quando se faz uma descrição de uma interação.

Buscando uma definição para gesto, McNeill (2000, p. 1) afirma ser este um termo que necessita de explanação, uma vez que não temos **gesto** no singular, mas **gestos**. Ele afirma que prefere o termo no plural, pois há diversos momentos em que precisamos distinguir movimentos corriqueiramente nomeados de gestos. Assim, o autor apresenta um contínuo para vários movimentos chamados de gestos, elaborado por Kendon (1982) e conhecido como o “contínuo de Kendon”⁴.

Os gestos que formam este contínuo são: a gesticulação; a pantomima; os emblemas; a(s) língua(s) de sinais. A gesticulação caracteriza-se como os gestos que acompanham o fluxo da fala, envolvendo braços, movimentos de cabeça e pescoço, postura corporal e pernas, possui marcas da comunidade de fala e marcas do estilo individual de cada um; a pantomima são gestos que ‘simulam’ ações ou personagens executando ações, é a representação de um ato individual, tem um caráter de narrativa, pois envolve uma sequência de micro ações; os emblemas ou gestos emblemáticos são aqueles determinados culturalmente (são convencionais) tais como o uso, em nossa cultura, do gesto que envolve a mão fechada e polegar levantado significando aprovação; e a língua de sinais, enquanto sistema linguístico próprio de uma comunidade, no nosso caso, a LIBRAS⁵.

Kendon (1982) organiza seu contínuo a partir de quatro relações estabelecidas entre gesto e fala: relação com a produção de fala (1); relação com as propriedades linguísticas (2); relação com as convenções (3), relação com o caráter semiótico (4), conforme tabela abaixo.

Se analisarmos os tipos de gestos dentro dos contínuos da esquerda para a direita (Gesticulação – Pantomimas – Emblemáticos - Língua de Sinais), percebemos que: a presença obrigatória de fala diminui; a presença de propriedades linguísticas aumenta; os gestos individuais são substituídos por aqueles socialmente regulados.

	Gesticulação	Pantomima	Emblemáticos	Língua de sinais
Contínuo 1	Presença obrigatória de fala	Ausência de fala	Presença opcional de fala	Ausência de fala
Contínuo 2	Ausência de propriedades linguísticas	Ausência de propriedades linguísticas	Presença de algumas propriedades linguísticas	Presença de propriedades linguísticas
Contínuo 3	Não convencional	Não convencional	Parcialmente convencional	Totalmente convencional
Contínuo 4	Global e sintética	Global e analítica	Segmentada e analítica	Segmentada e analítica

Extraído de McNeill (2000, p.5).

³ Como destaca Morato (2004), na Linguística a noção de interação é bastante polissêmica. Na aquisição da linguagem temos desde uma vertente caracterizada pelos trabalhos de Vygotsky (1979) e Bruner (1975, 1983), privilegiando o aspecto da mediação e a natureza das atividades interativas na relação adulto-criança; até o interacionismo representado pelos trabalhos de De Lemos (1992, 1995), que contempla a interação como o espaço da estrutura em que comparece a criança como sujeito falante, o outro como representante da língua e a própria língua em funcionamento.

⁴ “Kendon’s continuum”.

⁵ Língua Brasileira de Sinais.

Como se observa, há muito a dizer a respeito da relação gesto e fala enquanto matriz de significação, discussão que vem-se colocando para a Linguística a partir do momento em que a fala e a oralidade têm-se destacado nas pesquisas atuais.

Neste sentido, entendemos por *fala* toda forma de produção discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons articulados e significativos, bem como aspectos prosódicos e uma série de recursos expressivos de outra ordem: gestualidade, movimentos corporais, mímica (MARCUSCHI, 2005).

A *fala* em sua caracterização é concebida na sua relação com recursos de outra ordem, como salienta Marcuschi (2005). Isto é, a *fala* integra outras modalidades, caracterizando-se enquanto multimodal. É justamente esta a perspectiva que norteará este projeto.

GESTO E FALA EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM - UM PERCURSO

Na aquisição da linguagem, autores como Bruner (1975, 1983) dedicaram-se ao estudo da relação entre gesto e fala, mas concebendo-os como modalidades comunicativas de períodos distintos na aquisição da linguagem. Assim, o uso do gesto seria característico do chamado período pré-linguístico da criança e desapareceria em função da emergência da fala, do sistema linguístico.

Partindo do princípio de que, desde o nascimento, a criança está inserida em eventos comunicativos com o(s) adulto(s) que a cerca(m) e, através dele(s), vai aprendendo a expressar seus desejos, bem como a entender os desejos dos outros, mesmo quando ainda não domina as formas verbais, Bruner (1975; 1980; 1983) introduz a noção de intersubjetividade, representada pelo termo “*joint activity*” e “*shared attention*” – *atenção conjunta ou conjugada, atividade partilhada*, entre a criança e o outro, seu parceiro interativo. A concepção de intersubjetividade⁶ refere-se à função de “acordo” entre os sujeitos falantes. Privilegiando a intersubjetividade, Bruner acompanha longitudinalmente algumas díades mãe-criança, em situações espontâneas, filmando-as com *videotape* (uma novidade tecnológica de que dispôs na época), o que possibilitou uma análise cuidadosa dos seus dados. Em suas análises, ele observa, primeiramente, que a mãe sempre infere as intenções do bebê, procurando dar significado a todas as suas ações. Em seguida, observa o alto grau de standardização, pela mãe, de algumas formas de atenção conjugada com a criança, que a ajudam a interpretar seus sinais, gestos e intenções.

Com relação aos períodos pré-linguístico e linguístico, Bruner defende a hipótese da continuidade estrutural entre a comunicação pré-verbal e a verbal, afirmando que os comportamentos sociais do bebê são precursores da linguagem verbal. Segundo o autor, a criança, antes de ter a competência de enunciar uma sentença, necessitaria incorporar um conhecimento implícito construído no nível do ‘comportamento ostensivo’, não-linguístico, em que gestos são interpretados pelo adulto como significativos. Assim, os comportamentos sociais do bebê seriam precursores do aparecimento da linguagem.

Nessa perspectiva, o balbucio, os gestos e as holófrases garantiriam o lugar dos itens lexicais e das categorias gramaticais maduras da língua (sujeito – verbo – objeto). Com o conceito de *format*, que resume algumas regularidades sociais presentes nos eventos de rotina da criança (a hora do banho, das refeições, das compras, ou de atividades de leitura), o autor hipotetiza que as atividades entre a mãe e a criança exerceriam uma função pragmática, e as séries de ações rotinizadas favoreceriam uma base sólida para a aquisição de linguagem.

Porém, o problema com a proposta de Bruner é que é muito difícil apresentar evidências linguísticas de continuidade desenvolvimental entre ação conjunta e sistemas linguísticos de caso e transitividade. Desta maneira, seu argumento de que a continuidade estrutural é explicada através da apreensão gradual, pela criança, dos esquemas de ação e atenção conjugados perderam forças e o autor passa a optar por uma “visão facilitativa”, na qual a interação social deixa de ser constitutiva da gramática, para assumir um papel facilitador, através do qual a criança apreende a gramática mais cedo. O processo de facilitação social foi denominado por Bruner (1975) de *andaimagem*, e ilustrado com interações estruturadas, como nos jogos de rotina, entre outras atividades, em que o(s) adulto(s) ajuda(m) a criança a construir gradativa e progressivamente enunciações mais formais e efetivas.

Há críticas a esta perspectiva facilitativa de Bruner (1975, 1983) apresentadas em De Lemos (1986), mostrando que o autor defende um ‘interacionismo fraco’ no qual o papel do adulto interlocutor na dialogia é de detentor da língua a ser apreendida pela criança. E acrescenta que, desde o surgimento da perspectiva interacionista, o foco de análise deixou a criança e passou à relação dialógica. Entretanto, o rumo desse interacionismo, muitas vezes, caminhou para uma concepção facilitativa ou facilitadora, na qual o adulto seria o provedor do “input” e mediaría essa aquisição.

O problema com a maioria das teorias que estudam a interação é que embora mostre que a transmissão cultural ocorre como parte de uma interação mútua, privilegiando

⁶ Diferentemente de Bruner, trabalhamos com a noção de intersubjetividade suposta, isto é, na relação mãe-bebê há sujeitos supostos ‘a mãe’ e o ‘bebê’ sustentados pela dialogia que se estabelece desde o nascimento, quando a mãe, supõe o bebê como interlocutor e fala “como se” fosse ele, numa “fala que denominamos atribuída”.

o processo, o resultado final é que a criança parece **aprender** ações apropriadas culturalmente diretamente dos seus interlocutores (CAVALCANTE, 1999).

Além disso, um outro equívoco da perspectiva de Bruner é conceber a língua enquanto sistema puramente gramatical, logo a passagem do que ele denomina de *formats* para as categorias linguísticas torna-se inviável. Há pois a necessidade da mudança da própria noção de língua. Assim, concebemos a língua enquanto funcionamento, isto é, no sentido de que ela é uma prática discursiva na qual os sujeitos se constituem e, ao mesmo tempo, garantem o seu lugar de falantes (CAVALCANTE, 2009c).

Outros autores, além de Bruner, se dedicaram à relação entre gesto e fala no processo de aquisição da linguagem, muitos deles enfatizando um gesto específico – o apontar. A literatura em aquisição da linguagem no que diz respeito à atividade referencial destaca o gesto de apontar como o mais explícito comportamento gestual, utilizado pela criança, para fazer referência a um dado objeto no mundo (BATES; O'CONNELL; SHORE, 1987).

Há pesquisas que vinculam a ontogênese do apontar à emergência de alguns termos na língua como 'dêixis' e 'atos de fala' (BATES; CAMAIONI; VOLTERRA, 1987). Esta perspectiva concebe a vinculação deste e de outros gestos, no período de transição para a linguagem, como precursores dos performativos da língua (declarativos e imperativos). Tais gestos recebem a seguinte nomenclatura: *protodeclarativos e proto-imperativos*. Os denominados *protodeclarativos* são caracterizados quando a criança destaca um objeto no mundo para seu parceiro. Os *proto-imperativos* são caracterizados quando a criança usa o adulto para obter um dado objeto. A emergência de gestos protodeclarativos e proto-imperativos é notada quando a criança começa a entender que suas próprias ações não são a origem de todos os eventos no mundo.

A caracterização destes comportamentos gestuais como *protodeclarativos* ou *proto-imperativos* estão inseridos no ato interativo. Segundo Dore (1979), sua caracterização é determinada a partir da interpretação dada pelo parceiro adulto ao comportamento gestual deflagrado pela criança. Desta forma, o "status" do comportamento deflagrado vai depender da interpretação que o adulto der a ele.

Seguindo uma perspectiva interacionista, desenvolvemos uma pesquisa discutindo a natureza do gesto de apontar na aquisição da linguagem⁷ (CAVALCANTE, 1994; 2010). O objetivo consistia na compreensão do gesto de apontar enquanto elemento dêitico fundamental no estabelecimento da referência linguística nas interações mãe-criança. Assim, através de uma investigação

longitudinal acompanhamos uma díade mãe-bebê ao longo dos primeiros vinte e quatro meses de vida da criança, percorrendo desde o uso assistemático do gesto de apontar e a emergência de 'morfologias gestuais', até sua ritualização, visando à topicalização de referentes na dialogia mãe-bebê.

No entanto, os trabalhos acima citados têm atribuído à gestualidade um caráter pré-linguístico, ou seja, os gestos seriam anteriores e primitivos em relação à língua. Além disso, ainda não propunham uma articulação entre gesto e fala na aquisição da linguagem, tal como vem sendo desenvolvido por autores como Goldin-Meadow e colaboradores (BUTCHER E GOLDIN-MEADOW, 2000; GOLDIN-MEADOW, 1993; GOLDIN-MEADOW, ALIBALI E CHURCH, 1993; MCNEILL, 1985; 2000).

Nos últimos três anos temos trabalhado a partir da concepção da matriz gesto e fala (CAVALCANTE, 2006; 2009a; 2009b; 2009c; 2010; 2011; CAVALCANTE & RODRIGUES-LEITE, 2007; BEZERRA, PRAZERES & CAVALCANTE, 2007; ARAGÃO & CAVALCANTE, 2009; COSTA FILHO & CAVALCANTE, 2009; MAIA & CAVALCANTE, 2009; ÁVILA NÓBREGA & CAVALCANTE, 2010). Isto nos tem possibilitado mapear a emergência dos gestos na primeira infância, articulado com a produção de fala em situações interativas diádicas, o que tem nos permitido, cada vez mais, nos afastarmos de uma concepção de primitivismo gestual e de seu caráter pré-linguístico. Isto é, defendemos a perspectiva de que os gestos não guardam o lugar da fala na aquisição da linguagem, seu estatuto não seria pré-linguístico. Ao invés disso, consideramos o gesto como co-partícipe, já que ele constitui a matriz da linguagem.

Considerando a relevância das interações mãe-bebê para a aquisição da linguagem, sabemos que é a através da produção verbal e gestual da mãe, durante as interações, que o bebê irá sendo apresentado aos diversos tipos de gestos. Nesse período da vida do bebê, que compreende desde o nascimento até a "virada dos nove meses"⁸, a produção gestual da mãe de forma contínua é de extrema importância, pois é através dela que o bebê vai sendo apresentado aos tipos de gestos existentes.

Nesse momento, é a produção da mãe que se apresentará de forma intensa, pois é através dela que a criança será introduzida no campo gestual. Apesar da ausência de produção gestual do bebê de forma sistemática, observa-se que, muitas vezes, o bebê interage às produções gestuais da mãe. Geralmente essas interações se dão através do olhar fixo em direção à mãe ou ao seu movimento gestual seguida de sorriso.

⁷ O Gesto de apontar como processo de co-construção na interação mãe-criança. Dissertação de mestrado inédita, [sob a orientação de L. A. Marcuschi]. UFPE, Recife, 1994.

⁸ Termo utilizado por Tomasello (2003) para fazer referência às mudanças cognitivas e linguísticas apresentadas pela criança a partir desta faixa etária.

AS PRIMEIRAS PRODUÇÕES GESTUAIS

É durante a passagem dos oito para os nove meses, quando os bebês começam a apresentar competências cognitivas específicas da espécie, que estes passam a realizar o processo de atenção conjunta, que surge com a compreensão das outras pessoas como agentes intencionais. Segundo Tomasello (2003), é nesta fase da vida que o bebê começa a ver os outros como agentes intencionais iguais a ele e passa a compreender a relação entre ação e resultado e as ações intencionais dos outros.

O início da produção do bebê acontece geralmente após o incentivo inicial da mãe, ou seja, após a produção gestual da mãe. Num segundo momento, conforme o desenvolvimento sensorio-motor e o passar dos meses, a criança já se sente capaz de produzir seus próprios gestos sem que haja a presença de um incentivo inicial por parte da mãe. Na realidade nesse segundo momento, é a criança que através de sua produção chamará a mãe para a interação. Apesar dessa iniciativa por parte da criança, a presença de um incentivo da mãe após a produção do bebê não deixa de existir e nem perde sua importância durante o processo de aquisição, pois é através dele que o bebê irá consolidar o gesto adquirido.

O bebê então realiza os gestos sempre de forma desordenada, os movimentos são realizados de forma desajeitada. O gesto apontar, por exemplo, começa de forma totalmente desajeitada, os dedos se encontram semi-flexionados e a mão semi-aberta. Conforme o passar do tempo, com as interações mãe-bebê e o desenvolvimento sensorio-motor, o bebê realizará os gestos de forma mais concreta e de forma mais intensa, ou seja, os gestos ao longo do tempo passam a ser produzidos cada vez mais próximos da estrutura adulta.

Nas situações abaixo, retiradas do acompanhamento de duas díades mãe-bebê⁹ no período de oito a dezessete meses, mostram como os tipos de gestos propostos por Kendon em seu contínuo gestual se comportam durante esses primeiros passos na produção gestual.

Gesticulação

Esse primeiro tipo de gesto caracterizado pelo movimento de algumas partes do corpo do bebê, como por exemplo, a cabeça, as mãos e os braços, se inicia a partir dos oito meses. É a partir deste primeiro gesto que a criança produzirá outros tipos de gesto. O processo de produção desse gesto se inicia primeiramente através do incentivo da mãe, que é um elemento de extrema relevância no processo gestual do bebê.

Nessa situação, retirada da Díade C¹⁰, a criança não só reage aos incentivos da mãe, mas também inicia sua tentativa de produção do gesto. A criança, que já se encontra com oito meses e oito dias, num contexto lúdico, movimenta os braços de forma desordenada. O incentivo da mãe será identificado como ponto de partida para a produção gestual do bebê.

Exemplo 1¹¹

mãe	bebê
(1) A mãe bate as duas mãos (palmas), depois canta música (frevo) e olha para a criança durante o gesto.	(2) O bebê estava olhando para a chupeta, após o gesto da mãe, o bebê passa a olhar para ela e para sua mão. A partir desse momento o bebê tenta fazer o mesmo gesto balança os braços, batendo as mãos de forma não contínua.
(3) <i>qui foi? vamu dançá carnaval?</i>	

No exemplo a seguir, também da díade C, mãe e bebê (8m e 8d) estão brincando no chão em frente um para o outro, com brinquedos ao redor. Nesse contexto lúdico, no qual a mãe canta uma música, seu filho movimenta os braços de forma desordenada.

Exemplo 2

mãe	bebê
(1) A mãe tenta tirar o objeto das mãos do bebê. Estende as mãos, toca nas mãos do bebê e segura o brinquedo.	(2) Quando o bebê percebe que a mãe retirou o brinquedo, ele olha pra ela e começa a balançar os braços com as mãos abertas de forma desordenada para cima e para baixo e para os lados. Vocalizando: <i>Á: Á:</i>
(3) Mãe: <i>hum? mi dê nãu vai briga cumigu decididamenti. tô te procandu, e você nãu vai briga cumigu.hum?</i>	

Pantomima

A pantomima é um gesto que se desenvolve especialmente dentro de contextos lúdicos, nos quais a mãe interage com o bebê através de brincadeiras e objetos. Essa produção costuma aparecer durante os nove meses de idade da criança e com doze meses, o bebê já passa a realizar suas próprias pantomimas sem um incentivo inicial da mãe. De certa forma, o gesto pantomímico da mãe convida o bebê a participar da interação e a produzir a mesma categoria gestual.

No exemplo a seguir da díade D, a criança (9 meses e 10 dias) tem a iniciativa de “fazer de conta” que a mãe é um telefone e mostrar que está simulando uma conversa.

⁹ Filmadas em situação naturalística na casa da díade.

¹⁰ A Díade C faz parte do Corpus do LAFE (Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita) que contém oito díades que são marcadas por letras (de A a H).

¹¹ Em todos os exemplos há a descrição da situação e do movimento gestual e a transcrição de fala, em itálico, segue a produção oralizada.

A mãe quando percebe a intenção do bebê, faz uso de um objeto e começa a simular uma conversa ao telefone, e o transfere para o filho que começa a simular uma conversa novamente sendo que nesse novo momento com um brinquedo.

Exemplo 3

mãe	bebê
(2) A mãe, observando seu movimento, pega um um objeto (caixa de fita de vídeo) e simula uma conversa ao telefone com o pai do bebê. <i>Alô, papai?</i> Após a simulação, seguida de fala, a mãe passa o telefone para a criança.	(1) Criança coloca a mão aberta na orelha imitando um telefone. (3) Criança pega o objeto põe no ouvido e vocaliza: <i>Á:</i>

Nesse outro exemplo, observado em outra díade (D), a criança (1 ano, 3 meses e 22 dias) e a mãe estão interagindo na sala com vários brinquedos. O bebê pega o seu paninho e começa a passar em cima dos móveis da sala. A interpretação da mãe em relação ao gesto produzido pelo bebê é de grande relevância nessa situação, porque faz com que a criança venha a consolidar o gesto pantomímico realizado.

mãe	bebê
(2) A mãe percebe que o bebê está realizando o gesto pantomímico e pergunta para ele: <i>Tá na faxina é?</i>	(1) No primeiro momento o bebê pega um paninho e começa a passar em cima dos móveis. Bebê observa a mãe e para com o movimento. (3) Após a interpretação da mãe, o bebê volta a realizar o gesto pantomímico, como se estivesse fazendo a faxina.

Emblemas

Na aquisição da linguagem um dos gestos emblemáticos que mais se destaca é o apontar. Assim como os outros gestos emblemáticos (dar tchau, negativa manual etc.), o apontar não aparece de forma definida na criança, ele vai se constituindo ao longo das interações. No início da produção desse gesto, a mão geralmente se encontra semi-aberta, os dedos semi-flexionados. De acordo com a nomenclatura de Cavalcante (1994) para os tipos de apontar, os mais frequentes são: o apontar exploratório (tocando no objeto), o apontar com a mão toda e o semi-estendido. É com o passar dos meses, com o desenvolvimento sensorio motor e as interações que o apontar convencional (dedo indicador em direção ao objeto) irá aparecer. No exemplo abaixo, díade C, o apontar da criança (8 meses e 8 dias) ainda não se encontra bem definido, a produção do gesto emblemático de apontar ainda é desajeitada.

Exemplo 4

mãe	bebê
(2) Quando o bebê estica o braço para tocar em seu reflexo, a mãe percebe sua intenção e se aproxima do espelho com a criança nos braços. <i>Quem é? É:</i>	1) O bebê estica o braço direito, com mão aberta, tentando tocar no espelho, em seu reflexo. (3) o bebê toca em seu reflexo fica batendo no espelho com a mão direita aberta. (4) Após tocar no espelho, o bebê olha para a câmera através do espelho, se vira e olha direto para câmera apontando com a mão aberta para ela, e depois volta a olhar para câmera através do espelho.

No exemplo abaixo, há a produção do apontar convencional; a criança (1 ano e 5 meses), produz o gesto de apontar com a extensão do braço e o dedo indicador em direção ao objeto.

Exemplo 5

mãe	bebê
(2) A mãe entende o pedido do bebê, pega o brinquedo e pergunta: <i>qual é? essi?</i>	(1) O bebê aponta com a mão fechada e o dedo indicador esticado (convencional) para o objeto que está em cima da mesa. (3) Após a fala da mãe, o bebê continua apontando para outro objeto até ela entender que ele quer o outro brinquedo.

Através da observação de duas díades C e D, entre oito meses e um ano e cinco meses de vida, em situações de interação, observou-se o aparecimento e a intensidade de cada tipo de gesto proposto por Kendon (1982) em seu contínuo. Nessa análise quantitativa é apresentada, em números de ocorrência, a quantidade de cada gesto por idade.

Com a comparação das duas díades, os gestos começam a surgir a partir dos 8 meses para os 9 meses. Em ambas as díades a frequência maior foi a dos gestos emblemáticos principalmente a dos gestos de apontar. A gesticulação surge com amálgama para a produção de outros gestos. Conforme a produção pantomímica da mãe aumenta, a produção do bebê também cresce. Esse tipo de gesto depende diretamente do incentivo da mãe, o incentivo inicial e o incentivo para a consolidação. Como se observa, como a produção verbal neste período é ainda pequena e muito atrelada à interpretação do adulto, o gesto também se apresenta em pouca intensidade. É nesse período apresentado abaixo que o bebê está dando seus primeiros passos na sua produção gestual.

Tabela 1 - Produção gestual Díade C.

Idade	Gesticulação	Pantomima	Emblema
8m e 8d	3	0	4
9m e 10d	0	2	3
10m e 15d	0	0	1
12m e 12d	0	0	1
12m e 29d	0	0	2
16m	1	2	4
17m	1	4	5

Na tabela 1, observa-se a produção gestual da Díade C, na qual o incentivo da mãe é bastante significativo. A mãe da criança, durante os primeiros meses, produz muitos gestos, principalmente a pantomima. Percebe-se que a gesticulação e os emblemas surgem concomitantes, a pantomima emerge aos nove meses e dez dias. Ao longo dos meses nota-se uma maior presença dos gestos como a pantomima e os emblemas, em detrimento da gesticulação que tem uma frequência menor. Neste caso, levantamos a hipótese de que, por ter a gesticulação uma relação direta com o fluxo de fala, já que sua produção é concomitante à fala, sua presença tímida deve-se justamente a uma produção verbal da criança ainda muito pontual, pois ela vocaliza ou produz holófrases, como foi visto nos exemplos acima. Já o uso dos emblemas e pantomimas não necessitam da sustentação do fluxo de fala, daí sua presença ser maior.

Tabela 2: Produção gestual Díade D.

Idade	Gesticulação	Pantomima	Emblema
8m e 13d	1	0	0
9m e 21d	0	0	2
12m e 6d	0	0	2
12m e 28 d	1	0	1
13m	0	0	3
14m	0	0	2
15m	0	1	3
16m	0	0	4
17m	0	1	9

Na tabela 2, encontra-se a frequência de produção da Díade D, na qual o incentivo da mãe é menor, em relação aos incentivos da mãe da Díade C. Nesta díade há uma incidência menor de gestos, comparada à díade C, a gesticulação surge aos oito meses e treze dias e, a partir do mês seguinte, há a presença de gestos emblemáticos. Esses gestos são os de maior evidência ao longo dos meses, o uso da pantomima e da gesticulação é pontual nesta criança. Vale destacar que a produção de fala da criança dessa díade bem pontual, daí a quase inexistência da gesticulação: apenas duas ocorrências. A fala da díade é muito diretiva, do tipo ‘O que é X?’ (pergunta a mãe) e a criança aponta em resposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, os gestos do contínuo proposto por Kendon (1982) estão presentes nos momentos da interação mãe-bebê, tanto a mãe quanto o bebê produzem os gestos emblemáticos, pantomímicos e os de gesticulação. É através dos movimentos realizados pela mãe que o bebê inicia seus primeiros passos na construção desse contínuo gestual.

Durante a caminhada do bebê na produção gestual, na passagem dos oito meses para os nove meses, identificamos o início da produção gestual do bebê. Nesse momento, os gestos são produzidos de forma desajeitada, desordenada e com um incentivo e sustentação inicial da mãe. O gesto emblemático de apontar, por exemplo, é produzido com a mão semi-aberta e com o dedo indicador semi-flexionado, mas reconhecido pela mãe como gesto significativo.

A partir dos doze meses de vida, a criança já é capaz de produzir os gestos sem um incentivo inicial da mãe. Muitas das vezes é a criança quem irá chamar a mãe para a interação. Porém, a produção e a interpretação materna do gesto realizado pelo filho servirão para a consolidação deste gesto enquanto item linguístico.

Como se observa, há muito a compreender sobre a relação entre gesto e fala em aquisição da linguagem. Neste artigo, buscamos articular as considerações teórico-metodológicas de McNeill (2000), Kendon (1982; 2000) para compreender a emergência dos primeiros gestos infantis e estabelecer algumas correlações com a produção de fala. E ao invés de tomar o funcionamento individual do uso do gesto e da fala pelo bebê, observou-se o lócus interativo mãe-bebê como unidade de análise, e, como se viu, a natureza da relação interativa, com maior ou menor uso e sustentação gestuo-vocal materna tem uma relação com a maior ou menor emergência dos gestos diversos pela criança.

REFERÊNCIAS

- AKHTAR, N., DUNHAM, F.; DUNHAM, P. (1991). Directive interactions and early vocabulary development: the role of joint attentional focus. *Journal of Child Language*, 18, 41-49, 1991.
- ARAGÃO, A. L.; CAVALCANTE, M. C. B. . Um panorama da construção gestual do bebê ao longo do primeiro ano de vida. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. *Anais da ABRALIN 40 anos*. João Pessoa : Idéia, 2009. v. 1. p. 214-220.
- BEZERRA, E. S. ; PRAZERES, J. A. ; CAVALCANTE, M. C. B. . Gesto e voz: o ritmo nas produções infantis. In: Francisco Madeiro; Glória Maria M. de Carvalho; Maria de Fátima V. de Melo; Marianne C. B. Cavalcante; Marígia A. de M. Aguiar; Wagner Teobaldo. (Org.). *ENEAL - Encontro Nordestino de Aquisição da Linguagem*. Recife: Editora da UNICAP, 2007, v. , p. -.

- BATES, E., O'CONNELL, B., & SHORE, C. Language and communication in infancy. In J. OSOFSKY (Ed.), *Handbook of infant development*. New York: Wiley, 149-203, 1987.
- BRUNER, J. The ontogenesis of speech acts". *Journal of child language*. Vol. 2 N° 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- BRUNER, J. Early social interaction and language acquisition. In H. R. Schaffer (Org.), *Studies in mother-infant interaction* (p. 271-289). New York: Academic Press, 1980.
- BRUNER, J. *Childs Talk*. Oxford University Press, 1983.
- CAVALCANTE, M. C. B. *O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe-criança*. Dissertação de Mestrado. UFPE, 1994.
- CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado, 1999.
- CAVALCANTE; M. C. B. Gesto e fala nas interações mãe-bebê: caracterizando os primeiros usos linguísticos. In: *8th INTERNATIONAL CONGRESS OF ISAPL*. Porto Alegre, 2007.
- CAVALCANTE, M. C. B. A matriz gesto-fala em aquisição da linguagem: observando o diálogo em manhês. In: VI congresso internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. *Anais da ABRALIN 40 anos*. João Pessoa: Idéia, 2009a. v. 1. p. 2425-2434.
- CAVALCANTE, M. C. B. Gesto e voz: envelope afetivo de acesso ao simbólico na matriz relacional mãe-bebê. In: DE OLIVEIRA, E. F. L.; FERREIRA, S. S.; BARRETO, T. A.. (Org.). *As interfaces da clínica com bebês*. 1 ed. Recife: Bagaço, 2009b, v. , p. 229-240.
- CAVALCANTE, M. C. B. Matriz gesto e fala na dialogia mãe-bebê: esboços de gêneros do discurso. In: CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de; LEITÃO, M. (Orgs.). *Aquisição da Linguagem e Processamento Linguístico*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2011, p. 158.
- CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações* (Recife), v. 21, p. 153-170, 2009c.
- CAVALCANTE, M. C. B. (Org.). *Aquisição da linguagem em multimodalidade*. 1. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2010.
- COSTA FILHO, J. M. S.; CAVALCANTE, M. C. B. . Cenas de atenção conjunta: uma análise sobre o foco do olhar. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN, 2009, João Pessoa. *Anais da ABRALIN 40 anos*. João Pessoa: Idéia, 2009. v. 1. p. 2096- 3001.
- KENDON, A. The Study of Gesture: someremarks on its history. *Recherches sémiotiques/semiotic inquiry 2*: 45-62, 1982.
- KENDON, A. Language and Gesture: Unity or Duality? In: *Language and Gesture*, D. McNeill, Editor. 2000, Cambridge University Press: Cambridge, UK. p. 47-63.
- LAVER, J. *The Phonetic Description of Voice Quality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- LAVER, J. *Principles of Phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- LAVER, J. Unifying principles in the description of voice, posture and gesture. In: Cave, C.; GUAITELLA, I. *Interrations et comportement multimodaux dans la communication*. Paris, L'Harmattan, 2000.
- LOCKE, John. Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. In: FLETCHER, Paul. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MCNEILL, D. Introduction. In: McNeill, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge University Press, Cambridge, UK, 2000.
- TOMASELLO, M. Atenção conjunta e aprendizagem cultural. In: *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento*. Tradução: Cláudia Berliner. Martins Fontes – São Paulo, 2003, p. 77-186.
- TOMASELLO, Michael. 12- and 18- month- olds point to provide information for others. *Journal of Cognition and Development*, 7(2), 173-187. 2006, Lawrence Erlbaum Associates, Inc.